



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Rodrigues, Jussara da Silva Rodrigues

Vendredi ou Les Limbes du Pacifique: uma nova perspectiva do individualismo moderno na sociedade contemporânea

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 35, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 1-9

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426115001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



***Vendredi ou Les Limbes du Pacifique*: uma nova perspectiva do individualismo moderno na sociedade contemporânea**

Jussara da Silva Rodrigues

Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Av. Fernando Ferrari, 514, 29075-910, Goiabeiras, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: jussaranft@yahoo.com.br

RESUMO. Considerado pelo crítico de literatura Ian Watt como um dos ‘mitos do individualismo moderno’, *As Aventuras de Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe (1719), é um livro que exerceu e exerce grande influência no imaginário ocidental. Seu sucesso rendeu-lhe inúmeras reescrituras, conhecidas como ‘robinsoníadas’. *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique*¹, escrito em 1967 pelo francês Michel Tournier, é um dos intertextos mais ricos surgidos desde então. A adoção de uma perspectiva completamente nova rompe com o paradigma do homem branco civilizado e dota o texto de originalidade. Na nova versão, o individualismo de Robinson assume um caráter mais condizente com o pensamento da sociedade contemporânea. Este artigo busca, por meio de uma análise comparativa e de um estudo dos símbolos, ressaltar o potencial de *Vendredi* como mito do individualismo moderno na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Robinson Crusoe, primitivismo, individualismo, intertextualidade, Michel Tournier.

***Vendredi ou Les Limbes du Pacifique*: a new perspective of modern individualism in contemporary society**

ABSTRACT. Considered by the critic of literature Ian Watt as one of the ‘myths of modern individualism’, *The Adventures of Robinson Crusoe* by Daniel Defoe (1719) is a book that exerted and exerts great influence in the occidental imagination. Its great success rendered it numerous rewritings, known as robinsonades. *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* written in 1967 by the French Michel Tournier, is one of the richest intertexts ever emerged since then. The adoption of a completely new perspective breaks with the paradigm of the white civilized man providing the originality of the text. In the new version, the individualism of Robinson gets role more consistent to the contemporary society thought. This article aims to emphasize *Vendredi* potential as a myth of the modern individualism in contemporary society through its symbols and a comparative analysis.

Keywords: Robinson Crusoe, primitivism, individualism, intertextuality, Michel Tournier.

Introdução¹

Ao longo da história, o homem vem criando narrativas a fim de explicar a existência do mundo, os fenômenos da natureza e o seu próprio comportamento. Na falta de explicações lógicas, muitas vezes a recorrência à imaginação serve como meio de dar sentido à realidade. Essas narrativas são chamadas de mitos. Cada sociedade tem seus próprios mitos que explicam os modos de agir, os costumes, as crenças. Entre os povos *primitivos*, a explicação dos acontecimentos se expressa comumente por meio de cerimônias rituais que imitam acontecimentos primordiais realizados por um ser supremo.

Em outras sociedades contemporâneas, o processo civilizatório mudou radicalmente o

comportamento dos indivíduos. Segundo Norbert Elias (1994), as maneiras de agir, de falar, de se vestir do homem moderno foram incorporadas aos costumes por meio de regras impostas pela pressão da nova classe aristocrática surgida nos séculos XVI e XVII e passaram a ditar o bom e o mau comportamento. Além disso, o avanço e as descobertas científicas e tecnológicas obrigaram o homem a rever seu papel no universo, de modo a transmitir uma imagem melhor condizente à realidade apreendida.

Um controle mais rigoroso das emoções, desenvolvido em sociedade e aprendido pelo indivíduo, e acima de tudo um grau mais alto de controle emocional autônomo, foi necessário para que a visão do mundo centralizada na terra e nas pessoas que nela vivem fosse superada por outra que, como a visão heliocêntrica, concorda melhor com os

¹Há uma tradução disponível em língua portuguesa (TOURNIER, 1992).

fatos observáveis, mas que era de início menos gratificante emocionalmente, porquanto tirava o homem de sua posição no centro do universo e o colocava em um dos muitos planetas que revolvem em torno do centro. A passagem da compreensão da natureza legitimada pela fé tradicional para outra, baseada na pesquisa científica, e a mudança rumo a maior controle emocional que essa passagem acarretou, é um aspecto do processo civilizador (ELIAS, 1994, p. 244).

A conscientização da humanidade de que os processos naturais não estão ligados ao seu próprio destino tira do homem parte da necessidade de compreender a natureza e de envolver-se emocionalmente com ela, já que esta não interfere no rumo de sua existência. Atualmente, seu interesse quanto aos processos naturais volta-se mais para a possibilidade de, por meio do conhecimento objetivo, “[...] controlá-los e, desta maneira, dar-lhes significado e finalidade” (ELIAS, 1994, p. 245).

Perante essa sociedade moderna, a narrativa dos mitos perdeu sua importância e se limita, em geral, a compor mais uma prateleira de literatura ficcional. Entretanto, alguns modernos conseguem ainda compor histórias que cumprem o papel mítico de explicar certos aspectos do comportamento do homem moderno por intermédio de narrativas realistas. É o caso de Daniel Defoe: em *A Vida e As Singulares Aventuras de Robinson Crusoe*, em que o individualismo do homem do século XVIII é descrito e justificado pelos atos de um homem comum, e não pelo feito primordial de um deus. Nesse caso, portanto, atribuir a tal narrativa o estatuto de mito é Michel Tournier atentar principalmente para o aspecto de narrativa modelar, e não para a classificação mais comum de narrativa simbólica que explica certo acontecimento por meio da ação dos deuses.

O sucesso alcançado pela obra rendeu-lhe centenas de reescrituras, garantindo sua sobrevivência no imaginário ocidental. Entre esses textos, *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* destaca-se pela sua originalidade e pela adoção de uma perspectiva completamente nova, além de resguardar o valor de mito da sociedade moderna. Desviando o foco de valorização do homem moderno para o ‘selvagem primitivo’, Tournier ressalta a crise de identidade existente na sociedade contemporânea, pois, se no século XVIII, o paradigma de evolução ligava-se estreitamente a valores como progresso, tecnologia, ciência, capital, na sociedade contemporânea a estrutura capitalista mostra-se desgastada e frustrante. Na escala de valores, a defasagem da família, da comunidade e de Deus, em proveito do dinheiro, do consumo e da posição social, nem sempre acessíveis a todos, direciona

muitas pessoas para a busca de alguma possibilidade de fuga da realidade e para uma maior espiritualidade, muitas vezes encontrada no apelo ao ‘primitivo’. Segundo Bouloumié (1988, p. 7, tradução nossa), “[...] a cultura moderna, acreditando-se desgastada, busca uma fonte de energia no primitivo e nos mitos fundamentais do passado.”²

As aventuras de Daniel Defoe nos limbos de Michel Tournier

Inevitavelmente, ao mudar a expectativa de *modus vivendi* bem sucedido do homem de negócios para o de um selvagem, o enredo da narrativa de Tournier sofre alterações significantes em relação à obra de Defoe. Assim, enquanto o naufrago Robinson Crusoe de Daniel Defoe reproduz, em uma ilha deserta, a civilização moderna com a ajuda de Sexta-Feira, um indígena que lhe serve como criado, o Robinson Crusoe de Michel Tournier fracassa na sua tentativa de civilizar a ilha e se torna discípulo do indígena Vendredi³, em um processo de desumanização, ou melhor, de ‘dessocialização’. Além disso, o primeiro volta ansioso para a Inglaterra, enquanto o segundo abre mão de ser resgatado, preferindo o isolamento em meio à natureza.

Em Tournier, os acontecimentos passam-se um século depois, ou seja, a data do naufrágio do primeiro Robinson é 30 de setembro de 1659 e a do segundo, 30 de setembro de 1759. A alteração na cronologia dos textos tem a intenção de, segundo Maillard (1993), tornar o confronto entre Robinson e o universo selvagem mais estereotipado.

O século XVIII foi, sem dúvida, causador de grandes reviravoltas para a humanidade, devido aos avanços tecnológicos e ideológicos advindos das revoluções Industrial e Francesa, respectivamente. O fato de o segundo Robinson proceder dessa sociedade potencializa e valoriza as transformações por ele sofridas. Esse homem, advindo de um mundo no qual o emprego racional do tempo é supervalorizado, caminha em direção à abolição deste. A evolução o conduz a uma existência sem futuro ou passado, intensificando a realidade presente. Robinson afirma que

Diria-se, conseqüentemente, que meus dias se endireitaram. Eles não oscilam mais uns sobre os outros, eles mantêm-se eretos, verticais, e se afirmam orgulhosamente em seu valor intrínseco. E

²“La culture moderne, se croyant épuisée, cherche une source d’énergie dans la primitivité et les mythes fondamentaux du passé.”

³Vendredi significa sexta-feira em francês. Esse foi o nome que o Robinson Crusoe de Defoe (1975, p. 198) deu ao indígena na ocasião de sua chegada à ilha. Ele justifica a escolha dizendo: “[...] era o dia em que tinha salvo a sua vida; e chamei-lhe assim para recordar a data.”

como eles não são mais diferenciados pelas etapas sucessivas de um plano em vias de execução, eles assemelham-se a ponto de sobrepor-se exatamente em minha memória e de me parecer reviver incessantemente o mesmo dia.⁴ (TOURNIER, 1972, p. 219, tradução nossa⁵).

Assim como o tempo, o espaço ganha uma outra extensão na obra de Tournier. A localização das aventuras transfere-se das ilhas atlânticas do Caribe para uma ilha da costa pacífica do Chile. A mudança evidencia a recorrência de Tournier não apenas ao livro de Defoe, mas também ao *fait divers* que inspirou o romancista: o marinheiro escocês Alexander Selkirk desembarcou em uma ilha do Pacífico Sul, chamada *Más a Tierra*, no arquipélago Juan Fernández, na costa chilena, devido a desentendimentos com o capitão de seu navio. Ali permaneceu em completo isolamento até ser resgatado, quatro anos mais tarde, por um navio inglês. Tournier, portanto, aproxima geograficamente seu Robinson do marinheiro escocês. É importante notar, porém, que a ilha na qual Robinson naufraga não é a mesma do episódio que envolvia Alexander Selkirk. Na época em que se passam as aventuras de Vendredi, a ilha em questão era então conhecida e habitada. Tournier, apegado a um grande rigor documental⁶, atira Robinson em uma outra ilha próxima a *Más a Tierra*. A escolha dessa ilha indefinida nos mapas lança sobre a narrativa uma atmosfera de mistério e magia. O lugar incerto onde o naufrago se encontra lança dúvidas no leitor sobre sua existência real, sobre a própria sobrevivência do naufrago: Robinson está nos limbos.

A interação de Robinson com o espaço, além disso, é bem diferente em uma e outra história. No primeiro caso, ele enxerga a ilha como um lugar de abandono e desolação, mas também uma rica fonte de recursos para a sua sobrevivência. Mais tarde, de volta à Inglaterra, faz da ilha sua colônia. Na segunda história, a relação entre Robinson e a ilha, batizada de Speranza, tem um caráter bem mais íntimo. Ele vê na ilha uma natureza indiscutivelmente feminina e lhe concede ora o papel de mãe, ora de esposa. No decorrer da narrativa, essa relação aprofunda-se a

ponto de Robinson participar de um processo de fusão com Speranza. Eles se tornam um só em determinados momentos.

O modo de identificação de Robinson com o espaço selvagem da ilha estende-se ao relacionamento entre ele e Vendredi. O indígena, que na primeira história era uma personagem sem muita importância, é a peça fundamental nessa nova versão. Robinson sofre uma metamorfose inversora de todos os valores do homem branco e civilizado, influenciada diretamente pelo contato com Vendredi. Consequentemente, a personagem pouco interessante e secundária da obra de Defoe torna-se, em Tournier, uma personagem decisiva para os rumos da narrativa. O indígena, a princípio escravizado, assume o papel de mestre de Robinson.

O próprio Robinson é uma personagem mais rica na narrativa de Tournier no que diz respeito à sua interioridade. Às preocupações com os aspectos práticos da sobrevivência na ilha somam-se reflexões de ordem filosófica sobre a existência, a morte, o conhecimento, o sexo e o desenvolvimento da interioridade.

O primeiro Robinson é espelho idealizado dos valores da sociedade burguesa de seu período. A revolução cultural que colocou o homem no centro e minimizou a crença na onipotência divina foi um dos principais fatores para o desenvolvimento do individualismo. Mais preocupado com as implicações sociais do que com as obrigações religiosas, o homem moderno desenvolve autonomia para conduzir suas ações no sentido de maior proveito próprio. Imbuído por um espírito aventureiro, Robinson Crusoe inicia, contra a vontade de sua família, a vida de viajante. A principal motivação de suas ações baseia-se no lucro, no ganho rápido e, mesmo depois da viagem fatídica que o mantém isolado do resto do mundo por cerca de 28 anos, o caráter de Robinson permanece inalterado.

Enquanto essa personagem permanece praticamente a mesma ao longo da narrativa, o segundo Robinson é um homem totalmente modificado no fim do relato. Apesar de um marcante caráter sedentário, a personagem expressa um enorme potencial para mudança, evidente pelo espírito reflexivo, indagador do protagonista. A viagem em busca de riquezas apresenta-se como a oportunidade de mostrar a Robinson novas possibilidades de existência. Até então, aparentemente, ele nunca havia saído de York, sua cidade natal, pois lá constituía família e cursara uma faculdade.

Essas peculiaridades na caracterização dos dois protagonistas reforçam o papel que cada um deles

⁴On dirait, par suite, que mes journées se sont redressées. Elles ne basculent plus les unes sur les autres, elles se tiennent debout, verticales, et s'affirment fièrement dans leur valeur intrinsèque. Et comme elles ne sont plus différenciées par les étapes successives d'un plan en voie d'exécution, elles se ressemblent au point qu'elles se superposent exactement dans ma mémoire et qu'il me semble revivre sans cesse la même journée."

⁵A opção por uma tradução pessoal, mesmo havendo uma versão traduzida da obra para o português, teve a intenção de preservar ao máximo o sentido das palavras originais do autor e, ao mesmo tempo, propiciar maior clareza ao presente estudo da obra.

⁶Françoise Merlié (1998, p. 254, tradução nossa) registra essa peculiaridade do autor: "Por seu gosto da descrição rigorosa, minuciosa da realidade, Tournier admite se ligar aos escritores do século XIX. Para elaborar suas obras, ele viaja, conduz investigações pessoais, e sobre tudo faz uso de documentos, enciclopédias ou obras especializadas, que ele em geral não conserva, uma vez seu próprio trabalho terminado."

desempenha na constituição do mito. Enquanto, em Defoe, Robinson é um indivíduo completamente autônomo e bem resolvido com sua racionalidade lógica, sem muitos problemas de ordem existencial, em Tournier, ele é um indivíduo constrangido pelas convenções, fragmentado, cético, mas com potencial para mudança.

Segundo Maillard (1993, p. 51, tradução nossa, grifo do autor),

O primeiro é um homem do século XVIII, o segundo do século vinte. Um evolui em função de certezas, o outro em função de incertezas. Não se trata mais de consolidar uma ordem calcada sobre o modelo original, sobre uma matriz distante, mas de penetrar no coração do mistério, 'nas suas entranhas', dever-se-ia dizer.⁷

Modernidade da obra

A temática da obra de Tournier propõe uma transformação do mito do individualismo moderno. A transformação do burguês capitalista em um indivíduo altamente espiritualizado, em harmonia com a natureza, reflete bem o novo tipo de individualismo que predomina atualmente. As escolhas do homem contemporâneo fundamentam-se menos nos valores do individualismo do século XVIII, quando os ideais de progresso e de desenvolvimento uniram a maior parte da sociedade em torno das mesmas bandeiras, elencadas por Bornheim (1992): a autonomia do ser humano em relação a uma instância divina superior, a valorização exacerbada do trabalho e da propriedade privada, o capitalismo como modelo econômico de desenvolvimento, o conhecimento científico e a liberdade individual.

Nos dois séculos seguintes, a base da sociedade continua se firmando em tais valores, porém tal estrutura sofre certos abalos impulsionados por eventos marcantes, como as revoluções Francesa e Industrial no final do século XVIII. A primeira acarreta uma mudança de pensamentos, com seus ideais de liberdade, fraternidade e igualdade, desencadeando movimentos revolucionários e de independência, e obrigando a sociedade europeia a (re)conhecer, como autênticas, diferentes culturas. A segunda culmina no enfraquecimento do setor agrário e na superpopulação urbana, ocasionando a aceleração do ritmo de vida ao qual as pessoas estavam acostumadas. Somado a isso, a primeira metade do século XX passa-se de maneira

catastrófica com os terrores da guerra. A seguir, o que resta é uma população mundial horrorizada e amedrontada pela possibilidade de uma terceira guerra. Boaventura de Sousa Santos (2000, p. 89) declara que nesse período

[...] tudo parece negociável e transformável ao nível da empresa e da família, do partido ou do sindicato, mas ao mesmo tempo nada de novo parece possível ao nível da sociedade no seu todo ou da nossa vida pessoal enquanto membros da sociedade.

O ocidente torna-se decepcionante, repleto de indivíduos frustrados, onde o individualismo moderno que impulsionava a sociedade para o desenvolvimento configura-se mais como gerador de desigualdades e de violência. Na obra de Tournier, a decisão do protagonista em permanecer isolado em uma ilha paradisíaca expressa o desejo desse homem contemporâneo de fugir do caos da modernidade e recuperar a harmonia perdida com o mundo.

Outra característica evidente do caráter inovador de *Vendredi* é a ruptura com a tradição branca, masculina e civilizada, reflexo da organização política e social das nações europeias nos últimos séculos. *Vendredi*, modelo de comportamento e mestre de Robinson, é um mestiço de negro com índio. A sexualidade de Robinson também se metamorfoseia: o heterossexual torna-se um andrógino e, depois, no estágio mais avançado de sua evolução, um ser dotado de uma sexualidade que é classificada como elementar. O protagonista que estabelecera um relacionamento com a ilha, no qual ele assumia invariavelmente o papel masculino, sofre uma transformação que evidencia a fusão do masculino e do feminino. A sua aparência altera-se: ele tira a barba e deixa os cabelos crescerem. Sobre a sexualidade dita elementar, Robinson declara:

Se fosse preciso necessariamente traduzir em termos humanos esse coito solar, seria conforme as espécies femininas, e como esposa do céu que conviria me definir. Mas este antropomorfismo é um contrassenso. Na verdade, no supremo estágio ao qual acedemos, *Vendredi* e eu, a diferença de sexo está ultrapassada.⁸ (TOURNIER, 1972, p. 230, tradução nossa).

E, por fim, a vida civilizada, ditada por regras de conduta e de boas maneiras, cerceada pelas obrigações do trabalho, do lucro, do uso de roupas, é substituída por jogos de natureza infantil e pela abolição de certas convenções sem as quais é muito difícil imaginar as

⁷“Le premier est bien un homme du XVIII^e siècle, le second un homme du vingtième siècle. L'un évolue en fonction de certitudes, l'autre en fonction d'incertitudes. Il ne s'agit plus de bâtir un ordre calqué sur le modèle originel, sur une matrice éloignée, mais de pénétrer au cœur du mystère, 'dans ses entrailles', devrait-on dire.”

⁸“S'il fallait nécessairement traduire en termes humains ce coït solaire, c'est sous les espèces féminines, et comme l'épouse du ciel qu'il conviendrait de me définir. Mais cet anthropomorphisme est un contresens. En vérité, au suprême degré où nous avons accédé, *Vendredi* et moi, la différence de sexe est dépassée.”

sociedades contemporâneas, por exemplo, a mensuração do tempo.

É comum nas narrativas mais atuais o questionamento crítico e o levantamento de novas possibilidades. Muitos autores contemporâneos criam narrativas nas quais não existem quaisquer referências espaciais ou temporais, cujas principais personagens fazem parte das esferas marginalizadas da sociedade. Estas aparecem em perspectivas diferentes ou até mesmo contrárias aos papéis que lhes são comumente atribuídos, deixando evidentes as características que as desassemelham do restante da sociedade. Os negros, as mulheres e todas as categorias excluídas por anos da história da humanidade também fizeram parte da construção do mundo que conhecemos e a partir de então passam a fazer parte também da literatura contemporânea, que busca preencher a lacuna deixada pelos livros durante séculos, contando a história sob outros ângulos.

Hutcheon (1991) aponta que uma das formas mais usuais de realizar tal façanha consiste em resgatar textos ou acontecimentos do passado para recontá-los abordando pontos de vista divergentes daqueles até então consagrados. O uso de intertextos tem se difundido, portanto, de maneira crescente. Os textos do passado são inseridos em novos escritos, o que ressalta a importância que tiveram em seu período e, de certa forma, valoriza-os, mas o tratamento dispensado a eles é, em geral, irônico e paródico, ou seja, a história contada anteriormente é ao mesmo tempo resgatada e contestada, a fim de permitir a inserção de novas questões que põem em xeque a noção de real do sujeito contemporâneo.

Durante muito tempo, o homem moderno acreditou que o seu passado era algo imutável e definido, e que as novas descobertas científicas eram fontes seguras de informação, mas o ritmo vertiginoso em que ocorrem mudanças na sociedade contemporânea tornam todas as verdades instantâneas. De um dia para o outro, um conhecimento adquirido pode ser refutado por novas descobertas. O futuro deixou de ser algo previsível, pois todo conhecimento passa pelo crivo da reflexão. Anthony Giddens (1991, p. 155, grifos do autor) nos lembra que,

Nas sociedades industrializadas, acima de tudo, mas em certa medida no mundo como um todo, entramos num período de alta-modernidade, solto de suas amarras no resseguro da tradição e no que foi por muito tempo uma 'posição de vantagem' fixa (tanto para os 'de dentro' como para outros) — o domínio do ocidente. Embora seus iniciadores procurassem certezas para substituir os dogmas

preestabelecidos, a modernidade efetivamente envolve a institucionalização da dúvida. Toda reivindicação de conhecimento, em condições de modernidade, é inerentemente circular, embora 'circularidade' tenha uma conotação diferente nas ciências naturais em comparação com as sociais. Nas primeiras, ela diz respeito ao fato de que a ciência é puro método, de modo que todas as formas substantivas de 'conhecimento aceito' estão em princípio abertas a serem descartadas. As ciências sociais pressupõem uma circularidade num duplo sentido, que é constitutivamente fundamental às instituições modernas. As reivindicações de conhecimento que elas produzem são todas em princípio revisáveis, mas são também 'revisadas' num sentido prático conforme elas circulam dentro e fora do ambiente que descrevem.

Vendredi ou Les Limbes du Pacifique encaixa-se nesse tipo de literatura 'problematizadora' de que fala Hutcheon e vai além, pois também insere uma crítica. O papel de destaque atribuído ao personagem Vendredi representa uma afronta ao modelo colonialista da época de Robinson; o mesmo espaço é ocupado pelo homem europeu e civilizado tanto quanto pelo selvagem que nunca esteve em contato com qualquer tecnologia. O sucesso alcançado pela obra deve-se à sua alta qualidade literária, obviamente, mas também ao fato de inserir uma nova visão sobre uma história já conhecida de todos. Retomar o mito de Robinson Crusoe ressalta a importância dessa narrativa como mito da sociedade moderna e, por outro lado, aponta para as absurdidades do preconceito, da escravidão e da busca incessante pelo capital.

Pode-se considerar, portanto, que o livro de Tournier é uma paródia de *As Singulares Aventuras de Robinson Crusoe*. Além da retomada do nome das personagens, o enredo é muito semelhante até metade do livro, antes da chegada de Vendredi, e alguns trechos são uma cópia quase literal da obra de Defoe. Ao mesmo tempo, essa reescritura tem uma intenção bastante óbvia não apenas de parodiar, de criar uma nova versão da história, mas também de ironizar o texto original e certos comportamentos do protagonista — e por extensão — da sociedade europeia como um todo. Em Tournier, o episódio em que Robinson estabelece o 'código penal' da ilha é um momento da narrativa repleto de humor. A conduta extremamente formal da personagem, o uso de trajes especiais para a ocasião e a posição cerimoniosa diante do púlpito mostram-se exagerados e sem sentido, se considerarmos que Robinson estava totalmente sozinho na ilha. A passagem ironiza o apego da sociedade às convenções e à burocracia, que muitas

vezes transformam situações simples em verdadeiras solenidades. A absurdidade da constituição de tal código vai além, pois Robinson impõe castigos às suas próprias faltas, o que não parece racional em tal contexto.

Além disso, certas peculiaridades da estrutura narrativa da obra de Tournier corroboram para torná-la mais atual. É o caso, por exemplo, da existência de duas instâncias narrativas. Há um narrador heterodiegético e um narrador homodiegético. O primeiro faz o relato dos acontecimentos banais, enquanto o segundo, por meio do artifício de um diário, trata das questões mais abstratas e relata a história da evolução interior da personagem. Analisando superficialmente tal estrutura, poder-se-ia pensar que não há inovação quanto ao uso de tal artimanha, que já fora utilizada na versão do próprio Defoe. Entretanto, um olhar mais atento demonstra que a alternância das vozes narrativas no texto está intimamente ligada à evolução da história e da personagem. Nos momentos de maior conflito de identidade da personagem, a alternância é mais acentuada, denotando a fragmentação entre o velho e o novo Robinson. A identificação cada vez maior entre o narrador onisciente e a personagem desestabiliza o tradicional modelo narrativo, no qual as duas instâncias desempenham papéis claramente distintos, e insere a questão do duplo, representativa da fragmentação do Eu. Jung (1964, p. 23) afirma que a existência de dois 'sujeitos' ou "[...] de duas personalidades dentro do mesmo indivíduo [...] é uma das maldições do homem moderno", conquanto tal fato "[...] possa ser observado em qualquer época e em quaisquer lugares".

Tournier ainda persiste no tema do duplo, a ele tão caro, no que diz respeito à divisão do texto. O prefácio é o redobramento de toda a narrativa. O futuro de Robinson lido nas cartas de tarô pelo capitão do navio Virginie é a antecipação, através de uma linguagem simbólica e enigmática, de toda a evolução sofrida pelo herói. Por fim, além da alternância das vozes narrativas, encontra-se uma divisão macroestrutural dupla: antes e depois da chegada de Vendredi. O indígena entra em cena exatamente no meio do relato; entre doze capítulos, Vendredi aparece no sétimo.

O texto de Tournier ultrapassa os limites de um romance comum, pela introdução de diferentes estilos narrativos, principalmente a abordagem filosófica. É impossível defini-lo simplesmente como romance realista, fantástico ou mitológico. Mesclados a descrições minuciosas, indicações exatas

de espaço e de tempo, uma linguagem clara e aparentemente linear encontram-se acontecimentos fantásticos. A contradição é evidente, por exemplo, no episódio da construção de um barco. A utilização de vários termos relativos à marcenaria e à navegação e a indicação exata de medidas e de procedimentos de construção dão um toque bastante realista ao relato, porém a experiência da nudez, do contato com a água, desperta sentimentos em Robinson que o conduzem através de sua aventura de iniciação, criando uma atmosfera maravilhosa. Maillard (1993, p. 106, tradução nossa) chama a atenção para a pluralidade de gêneros que se misturam na obra:

Diante de uma tal narrativa, muitas questões se colocam. Qual definição deve-se – ou pode-se – lhe aplicar? Pois as etiquetas não faltam. O romance é etnográfico, filosófico, naturalista, mitológico? É um romance de aventuras, ou de aprendizagem? Simultaneamente romance do conhecimento, da sexualidade, da dualidade⁹, da diferença, não é ele sobretudo romance da incerteza e da identidade amalgamada, à imagem do gênero indefinido ao qual pertence?¹⁰

E mais a frente:

A narrativa, além disso, hesita entre a narração e a meditação. É assim tão picaresca, e mesmo épica, quanto filosófica ou poética. Romance de aprendizagem, serve-se da sexualidade de maneira totalmente nova. Romance filosófico, recorre aos símbolos e às mitologias primitivas.¹¹

Um romance de iniciação

Repleto da ocorrência de símbolos ligados a diferentes tradições, o romance de Tournier tem como característica mais marcante o fato de a trajetória de Robinson reproduzir a passagem pelos ritos de iniciação nas sociedades 'primitivas'. Em várias culturas 'primitivas', os ritos de iniciação têm grande importância. Eles possibilitam que um doente recupere a saúde, que um jovem se torne adulto, que mistérios sejam revelados, ou seja, que nasça um homem novo. É importante, nesses casos, que o neófito passe por uma morte ritual, a fim de se regenerar e renascer. Os ritos

⁹O termo do texto original em francês é *gémellité* que, segundo o dicionário Le Petit Robert, define-se como "situação onde figuram gêmeos" e "qualidade de duas coisas exatamente iguais". Não havendo em português um termo que corresponda de maneira satisfatória à definição, optou-se pelo termo dualidade.

¹⁰"Avec un tel récit, beaucoup de questions se posent. Quelle définition doit-on – ou peut-on – lui appliquer ? Car les étiquettes ne manquent pas. Le roman est-il ethnographique, philosophique, naturaliste, mythologique ? Est-il un roman d'aventures, ou d'apprentissage ? Tout à la fois roman de la connaissance, de la sexualité, de la gémellité, de la différence, n'est-il pas surtout roman de l'incertitude et de l'identité bâtarde, à l'image du genre indéfini auquel il appartient ?"

¹¹"Le récit, d'ailleurs, hésite entre la narration et la méditation. Il est ainsi autant picaresque, voire épique, que philosophique ou poétique. Roman d'apprentissage, il se sert de la sexualité de manière totalement nouvelle. Roman de philosophe, il recourt aux symboles et aux mythologies primitives."

'primitivos' engendram um retorno no tempo e, assim, a possibilidade de participar do momento da criação do mundo, quando uma grande carga de energia foi liberada, ou o retorno pode se limitar ao ventre materno (ELIADE, 1992).

A evolução de Robinson é marcada por diversas experiências que repetem os ritos de morte, regeneração e nascimento das sociedades tradicionais¹². O ponto de partida de sua iniciação é o naufrágio; Robinson é engolido pelo mar. A engolição é uma preparação para uma fase de transformação e de aperfeiçoamento. Ela simboliza também a experiência de passagem pela morte. Além disso, o primeiro capítulo é pleno de uma atmosfera fúnebre, composta de cadáveres, abutres, árvores putrescentes e um vocabulário mórbido. Na segunda linha do capítulo, Tournier diz que Robinson *gisait* na areia. A palavra tem o mesmo significado que o verbo 'jazer' em português e significa estar deitado, mas também tem o sentido de estar morto ou 'como' morto. Encontram-se ainda termos como 'gemente', 'mutilados', 'angústia', 'assustadores'¹³, aumentando a impressão de atmosfera pesada e fúnebre.

A essa fase segue-se o período da regeneração. Robinson precisa voltar, se não ao início dos tempos, ao menos ao ventre materno. Uma gruta localizada exatamente no centro da ilha serve como o ventre acolhedor da personagem. A reclusão no centro da terra leva a personagem ao conhecimento por intermédio da meditação paciente.

A gruta é um espaço sagrado, com potencial criador. Atingindo o centro, o neófito adquire uma existência nova, "[...] uma vida que é real, duradoura, eficiente" (ELIADE, 1992, p. 27). A árvore acima da entrada da gruta aponta para a realidade absoluta desse espaço, ligado ao céu pelo cedro e portador de uma força transcendental por meio desse vegetal.

Pressentindo o valor fundamental da experiência de adentrar no ventre de Speranza, Robinson impõe-se um 'jejum purificador' de vinte quatro horas, experiência comum entre os neófitos. O isolamento proporciona a concentração necessária na busca de algum conhecimento ou de energia. A referência ao ventre é comum, em diversas lendas, local onde o herói pode se fortalecer e se formar. Assim acontece, por

exemplo, na história bíblica do profeta Jonas que adquire consciência de sua missão só após ser engolido e passar um longo período no ventre de um grande peixe. A gruta exerce o mesmo papel de ventre do peixe na trajetória de Robinson:

É por ela que Robinson chega a um domínio de revelações. É nela que ele se refugia. É dela que ele sai novamente, portador de uma outra verdade.¹⁴ (MAILLARD, 1993, p. 51, tradução nossa).

Ele repete a experiência diversas vezes até estar completa a gestação no seio da terra. A confirmação da completa formação de Robinson no ventre de Speranza evidencia-se quando, na terra seca, ele encontra uma fonte de água; a imagem associa-se à de um bebê amamentando-se:

Essa última fonte vazava aos poucos de um bico de terra que se elevava em uma clareira no meio das árvores, como se a ilha tivesse afastado seu vestido de floresta nesse lugar. Enquanto colava seus lábios ávidos ao buraco para sugar ativamente o líquido vital, ele vagia de reconhecimento.¹⁵ (TOURNIER, 1972, p. 13, tradução nossa).

Todos esses acontecimentos antecedem a chegada de Vendredi. Até então, Robinson impunha uma lógica administrativa rígida em Speranza, através da criação de animais, o cultivo de cereais, a implantação de leis e de um calendário, entre outras medidas civilizatórias. Com o aparecimento do indígena, Robinson passa a questionar o modo como vive na ilha. A estrutura organizacional é completamente abalada pelo contraste do selvagem com o espaço e com o próprio Robinson. À expressão carrancuda deste opõe-se o riso do índio; à sua austeridade, a docilidade; à sua obediência às regras, a liberdade do selvagem. A oposição gera uma tensão entre as duas personagens, até o momento decisivo que inverte toda a ação: acidentalmente, Vendredi causa uma explosão na ilha que praticamente faz com que a situação retorne ao estágio inicial quando da chegada de Robinson.

Diante dessa nova realidade, Robinson decide iniciar-se à liberdade de Vendredi. A relação Robinson-senhor e Vendredi-escravo altera-se para Vendredimestre e Robinson-iniciado. A oposição torna-se companheirismo e os adversários tornam-se irmãos. Despedido de toda carga de civilização, Robinson atinge um nível inimaginável em sua evolução. Voltando sua

¹²Neste trabalho, tomam-se as sociedades tradicionais como aquelas fortemente marcadas por um caráter ritual e coletivo, em oposição às sociedades modernas, nas quais predominam a razão e o individualismo. De acordo com Giddens (2007, p. 51), "[...] as características distintivas da tradição são o ritual e a repetição. As tradições são sempre propriedades de grupos, comunidades ou coletividades." E ele afirma ainda que "[...] na tradição, o passado estrutura o presente através de crenças e sentimentos coletivos partilhados" (GIDDENS, 2007, p. 56-57).

¹³gémissements, mutilés, détresse, effrayants.

¹⁴"C'est par elle que Robinson accède à un domaine de révélations. C'est en elle qu'il s'enfouit. C'est d'elle qu'il ressort, porteur d'une autre vérité."

¹⁵"Cette dernière source suintait petitement d'un mamelon de terre qui s'élevait dans une clarté au milieu des arbres, comme si l'île avait écarté sa robe de forêt en cet endroit. Lorsqu'il collait ses lèvres avides au trou pour sucer activement le liquide vital, il vagissait de reconnaissance."

libido para o Sol, ele sente-se imbuído de força e rejuvenescimento.

A ilha Speranza representa, por sua vez, uma utopia de espaço e tempo. Por seu isolamento e anonimato perante o resto do mundo, ela representa o paraíso perdido, lugar em que é possível atingir a perfeição da existência e a felicidade plena. Ao mesmo tempo, a abolição de qualquer mensuração temporal permite a Robinson “[...] escapar à velhice humana que fará dele um quinquagenário”¹⁶ (MAILLARD, 1993, p. 90). É, portanto, justificável que, diante da oportunidade de voltar à civilização, Robinson decida-se por permanecer em Speranza.

Tal escolha evidencia o perfil egocentrista do individualismo, característico da sociedade contemporânea. O homem alheio a todo senso de comunidade opta em geral pelo benefício individual em vez do benefício coletivo. Robinson levanta a hipótese de voltar à civilização para transmitir-lhe todo o conhecimento aprendido em anos de isolamento, mas, temente do envelhecimento engendrado pelo abandono desse lugar maravilhoso, ele opta por preservar sua juventude, permanecendo em Speranza.

Conclusão

Dessa forma, Tournier, por meio de uma narrativa já consagrada pela sociedade contemporânea, aborda o tema do individualismo sob uma perspectiva renovada, mais condizente com a realidade contemporânea. O papel de destaque assumido por Vendredi abre espaço para o questionamento do modo como o homem ‘civilizado’ vive. Entre as duas obras estabelecem-se, ao mesmo tempo, relações contraditórias e complementares. A análise das estruturas narrativas aponta para a revalorização do mito e insere sua crítica. A riqueza de composição do texto de Tournier abriga pontos fundamentais da obra de Defoe, direcionando os olhos do leitor inevitavelmente para o original. Podem-se contar ambas as narrativas, a fim de ressaltar suas semelhanças, como a história de um homem, Robinson Crusoe, único sobrevivente de um naufrágio, que permanece apartado do resto do mundo em uma ilha deserta por um longo período. De maneira surpreendente, esse homem reproduz parte da trajetória evolutiva da humanidade, passando pelos estágios da colheita, da caça, da agricultura, da pecuária. Após alguns anos de total isolamento, ele salva a vida de um selvagem, a quem dá o nome de Sexta-Feira, que passa a ser seu

companheiro de aventuras. Vinte oito anos, dois meses e dezenove dias depois do naufrágio, um navio aporta às margens da ilha e coloca-o de volta em contato com a civilização da qual é proveniente.

O leitor de Tournier encontra-se, entretanto, diante de uma nova realidade, capaz de levantar diferentes questões antes insuspeitadas na obra de Defoe, por exemplo, a fragmentação do ser humano, a relação existente entre sexo e morte – temas tratados no capítulo VI – ou a pretensão de superioridade do homem ‘civilizado’ ante os povos ‘primitivos’. O novo mito de Robinson Crusoe simultaneamente nega, afirma, enriquece, despe, retoma, atualiza, subverte e, acima de tudo, valoriza a narrativa de Defoe. Trazida de volta ao palco das discussões literárias, a história do naufrago permanece viva no imaginário popular e transforma por vezes um olhar ingênuo em uma exposição crítica, uma passagem talvez considerada antes desinteressante em objeto de discussão.

É clara também uma contradição imanente da formação de Robinson como um ‘homem novo’. O livro de Tournier liga-se parodicamente ao romance de formação, ou *Bildungsroman*, que, segundo Morgenstern (apud MAAS, 2000, p. 19), define-se como aquela forma de romance que “[...] representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade” e promove também “[...] a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance”. Essa definição se mostra bastante eficiente para classificar *Vendredi*, porém o *Bildungsroman* caracteriza-se ainda por apresentar a formação individual como um desenvolvimento que deve se voltar em benefício da sociedade. Maas (2000, p. 72-73, grifo do autor) afirma que

[...] o *Bildungsroman* representaria a trajetória de um indivíduo jovem, ‘bem-intencionado’, no fim da qual se poderia reconhecer efetivo aperfeiçoamento do protagonista, no sentido de que ele adquire o desejável equilíbrio entre sua conformação interior e o mundo exterior das relações sociais.

É nesse ponto da definição do romance de formação que se verifica uma ruptura com a obra de Tournier.

A evolução de Robinson é bem sucedida enquanto retira dele exatamente seu papel como homem social, como indivíduo membro da sociedade humana, em uma evolução direcionada para a vida em suas formas mais transcendentais, que se pode quase chamar de uma deificação, na qual as convenções da sociedade perdem todo o significado e o contato mais íntimo se

¹⁶“d’échapper à vieillesse humaine qui fera de lui un quinquagénaire.”

estabelece entre indivíduo e natureza. Vida alheia ao tempo cronológico, regida pela circularidade, em que cada dia é um novo recomeço. Robinson evolui junto com o seu meio, a ilha, que não conhece passado, presente ou futuro.

A ousadia de empreender tal formação, portanto, não encontra sua solução no quotidiano medíocre da sociedade contemporânea. A ambiciosa formação de Robinson busca suas fontes em uma época em que a existência humana não era tão insignificante para a composição do universo, pois as ações dos homens repetiam as ações dos próprios deuses. O homem primitivo considera-se parte fundamental e imperecível do cosmos, oferecendo uma solução para todas as frustrações humanas. Não cabe ao homem questionar. A evidência da natureza viva é a prova cabal de um poder sobrenatural, de uma existência além do nosso mundo conhecido. O Robinson Crusoe de Michel Tournier resolve seus traumas de homem moderno no encontro com os símbolos primitivos, com o inconsciente, com o que não tem explicação.

Em *Vendredi* pode-se atentar para muitos outros aspectos que compõem a obra. O estudioso encontra referências ao tarô, à mitologia greco-latina, à Bíblia, a diversos intertextos e as abordagens variam em muitos sentidos. Não é ocasional que o primeiro livro de Michel Tournier tenha sido recebido com louvor e cause tantas especulações. A obra parece cumprir magistralmente a função, tão cara a Tournier, de se libertar de seu autor para entregar-se aos seus leitores.

Referências

- BORNHEIM, G. O sujeito e a norma. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 247-260.
- BOULOUMIÉ A. **Michel Tournier: le roman mythologique**. Paris: José Corti, 1988.
- DEFOE, D. **A vida e as surpreendentes e singulares aventuras de Robinson Crusoe, de Iorque, marinheiro**. Tradução de Elsa Andriga. Lisboa: Europa-América, 1975.
- ELIADE, M. **Mito do eterno retorno**. Tradução de José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, A. **Mundo em descontrol**. 6. ed. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Série Logoteca)
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 5. ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- MAAS, W. P. M. D. **O cânone mínimo**. O Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: Unesp, 2000.
- MAILLARD, M. **Vendredi ou les Limbes du Pacifique**: Tournier. Paris: Nathan, 1993.
- MERLLIÉ, F. **Michel Tournier**. Paris: Pierre Belfond, 1988.
- SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político a pós-modernidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- TOURNIER, M. **Sexta-Feira ou os Limbos do Pacífico**. Tradução de Fernanda Botelho. Lisboa: Relógio d'água, 1992.
- TOURNIER, M. **Vendredi ou Les Limbes du Pacifique**. Paris: Gallimard, 1972.
- WATT, I. **Mitos do individualismo moderno**. Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Received on April 4, 2009.

Accepted on April 13, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.